



## Em Carteira

Por **Marcio Lopes**  
(marcio\_lopes@netcabo.pt)

Como tem corrido tudo tão errado na Europa? O tão aguardado relatório do FMI (World Economic Outlook, Abril) com as previsões macroeconómicas da Primavera foi peremptório. A crise da zona euro é o produto interactivo de vários erros que se foram acumulando no tempo: políticas macroeconómicas erradas e de fraco cariz prudencial associadas aos desequilíbrios permanentes dos sectores público e privado (Estado, famílias e empresas).

No caso específico do sector financeiro, os mercados tornaram-se mais integrados, mas o quadro regulatório manteve-se à escala local e, o pior de tudo, disseminando uma falsa impressão aos mercados de que o regulador e supervisor (governos e bancos centrais) estavam a actuar no sentido de salvaguardar a segurança de um sistema cada vez mais complexo. Neste exacto momento, não existe maior fragilidade orgânica na zona euro do que o binómio BCE/bancos comerciais. Basta relembrarmos o que foi o mais recente aumento de capital do BES e o consequente trambolhão dos títulos em bolsa (é provável que o mesmo venha a acontecer com o BCP). Os investidores europeus estão inseguros e indecisos; e os profissionais dos bancos de investimento não estão melhores. Na verdade, a Europa enquistou-se nos seus próprios problemas e agora não sabe sair deles. No início da semana, em função dos resultados eleitorais em França (adivinhando-se uma derrota final de Sarkozy e o fim do eixo decisorio Paris/Berlim) as bolsas europeias estiveram todas em forte queda, com Paris a perder 2,83% e Frankfurt 3,36%. Uma segunda desvalorização dos mercados que se avizinha por razões políticas é após a queda do governo holandês e a diminuição do rating. No início da semana, o AEX de Amesterdão fechou a perder 2,56%.

Ao longo desta semana, a FED irá anunciar a manutenção das taxas de juro; ou seja: não haverá novos impulsos de política monetária na economia norte-americana e, consequentemente, não haverá estímulos para que a tendência negativa das bolsas se inverta. O período é de muita prudência. ■

## PSI20 - VARIAÇÕES

EMPRESA	PREÇO (€)	VARIAÇÃO%
Altri	1,09	-0,82
BCP	0,11	0,00
BES	0,56	-0,18
BPI	0,41	+1,24
Brisa	2,61	+0,54
Cimpor	5,51	0,09
EDP	2,10	+1,30
EDP Renováveis	3,19	-1,70
Galp	11,80	+1,94
Inapa	0,14	-6,67
Jerónimo Martins	15,08	-0,26
Mota Engil	1,22	+0,66
Portugal	1,92	+1,21
PT Telecom	3,93	+1,00
REN	2,08	-0,33
Sempia	5,31	+2,09
Sonae Indústria	0,56	+1,64
Sonae SGPS	0,41	0,00
Sonae com	1,21	-0,74
Zon Multimedia	2,47	+0,41

Fonte: Nextbolsa.com, em 24/04/2012

Empresa da **Marinha Grande** ultima certificação

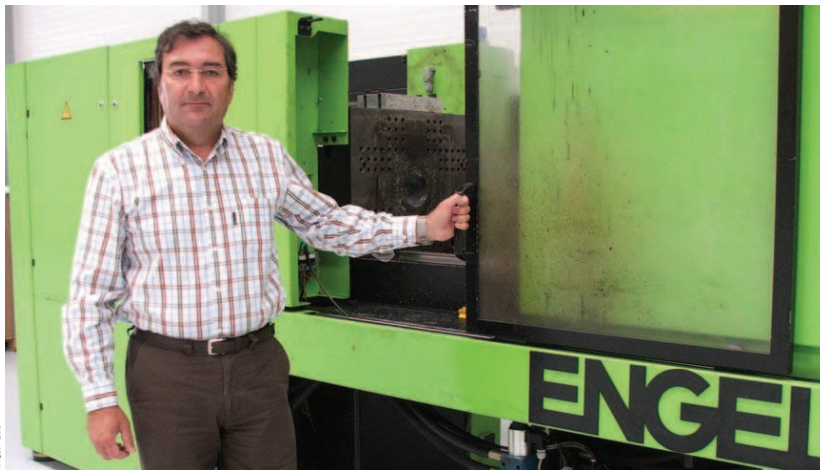
# Indústria automóvel na mira da Vipex

Dedicada ao fabrico e ao comércio de plásticos, a Vipex encontra-se a ultimar a certificação ISO TS que, em breve, lhe permitirá começar a trabalhar com a indústria automóvel.

De acordo com Jorge Santos (na foto), director-geral desta empresa da Marinha Grande, o processo de certificação deverá estar concluído em Junho, possibilitando à empresa desenvolver produtos de injeção, que podem resultar no fabrico de peças de interiores de automóveis, a comercializar em Portugal, Espanha ou França.

Jorge Santos sublinha que o propósito da empresa é desenvolver as melhores práticas, os melhores princípios de gestão, que tanto podem ser válidos na indústria automóvel como em qualquer outro ramo de actividade. Acrescenta ainda que já foram estabelecidos contactos com várias entidades, para as quais a Vipex poderá vir a fornecer, sendo que a empresa estipulou, à partida, que a sua dependência em relação ao sector automóvel não deve ultrapassar 30% do volume de negócios.

Nesse sentido, a empresa está a analisar o mercado dos equipa-



mentos desportivos, onde quer vir a trabalhar, ponderando, ainda, produzir para as áreas médica e farmacêutica. Além disso, lembra o director-geral, é objectivo da Vipex continuar a reforçar a sua presença nos sectores da embalagem, dos equipamentos domésticos e electrónicos.

Com uma equipa de 60 pessoas, a Vipex exporta actualmente, de forma directa, 75% da sua produção. No ano passado, obteve um volume de negócios de oito milhões de euros, sendo que a sua meta é "aumentar as vendas a um ritmo de 10% ao ano".

À excepção da indústria automóvel, em todos os sectores onde intervém a Vipex é especialista em produtos customizados, onde é cada vez mais arquitecta no desenvolvimento de produtos em conjunto com os seus clientes. ■

**Daniela Franco Sousa**

ESIP, produtora de conservas, será uma das beneficiadas

## Peniche aposta na redução dos custos de contexto para ajudar empresas

O executivo de Peniche e a Docapesca estão na disposição de viabilizar a concessão de um empreendimento frigorífico desactivado para permitir à empresa de conservas European Seafood Investments Portugal (ESIP) reforçar a sua competitividade através da redução dos custos de armazenamento e transporte. Estão actualmente a ser elaborados os termos das condições da cedência. "A acontecer, como desejamos, a descarga de matéria-prima poderá ter lugar no nosso porto, diminuindo desse modo os custos de transporte rodoviário", explica António José Correia, presidente da câmara. Até agora os barcos têm descarregado o pescado para a ESIP em Aveiro, onde se encontra o equipamento frigorífico.

Também a instalação de uma Unidade Autónoma de Gás em Peniche, por parte da Lusitaniagás, investimento considerado estrutural, "contribuirá para o aumento da competitividade da ESIP e de todas as indústrias instaladas no concelho", aponta o autarca. Na cidade foram já concretizados trabalhos de construção de condutas e o processo de licenciamento encontra-

se na Comissão de Coordenação e Desenvolvimento regional de Lisboa e Vale do Tejo com vista a ser obtido o RIP (reconhecimento de interesse público), explica.

António José Correia admite que o executivo está a fazer tudo o que é possível para que a ESIP "se consolide em Peniche, actuando na redução dos custos" de alguns factores de produção. "Esta será a forma de consolidar os postos de trabalho". E este não é um aspecto nada menor nos tempos que correm, até porque aquela empresa é a maior empregadora do concelho. O número de postos de trabalho oscila entre 400 e 800 (no final de

Março eram 780). Mas este mês a empresa vai dispensar 150 pessoas, a que se juntarão mais 100 em Setembro. Mesmo assim, continuará a dar trabalho a cerca de 500 pessoas.

As dificuldades de aprovisionamento de sardinha em Portugal levaram a administração da ESIP a iniciar a produção numa unidade em Marrocos, mantendo contudo "toda a produção dos restantes produtos em Peniche". António José Correia garante que "o responsável local da empresa não deu qualquer sinal no sentido da deslocalização de toda a actividade".

**Raquel de Sousa Silva**

## ESIP pertence a grupo tailandês

Saem diariamente da fábrica da ESIP de Peniche entre seis a 12 camiões carregados de latas de conserva com destino aos mercados externos, aponta o *Público*. A empresa factura entre 50 e 60 milhões de euros por ano, mas apenas vende uma pequena parte da sua produção no mercado nacional, através do Lidl e do Dia. Petit Navire, John West e Mareblu são algumas das marcas de conserva conhecidas produzidas naquela fábrica, que pertence ao grupo tailandês Union Frozen Products. Fundada em 1915 pelo empresário António Judite Fialho, mudou várias vezes de mãos ao longo da sua história. Em 2006, por exemplo, pertencia à norte-americana Heinz. ■

Marinha Grande

## Presidente da CIP fala sobre indústria portuguesa



A competitividade da indústria portuguesa é o tema de um jantar-conferência que a Cefamol promove no dia 3 de Maio, em que será orador António Saraiwa, presidente da CIP - Confederação Empresarial de Portugal. O evento, destinado prioritariamente a empresários e dirigentes da indústria de moldes e ferramentas especiais, decorrerá no Hotel Mar e Sol, em São Pedro de Moel, concelho da Marinha Grande, a partir das 19:30 horas. Insere-se no ciclo de conferências *Engineering and Tooling: desafios e oportunidades*, que tem como objectivo discutir e reflectir sobre os desafios estratégicos do sector. ■